

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RACHEL PAOLONE PENTEADO

**A cidade das damas de Christine de Pizan: Defesa e preservação feminina
na Idade Média**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de História da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo - PUC/SP como pré-requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em História

Orientador: Professor Doutor Álvaro Hashizume Allegrette

SÃO PAULO

2020

A cidade das damas de Christine de Pizan: Defesa e preservação feminina na Idade Média

Resumo: O presente artigo pretende analisar brevemente as obras de Christine de Pizan, escritora medieval, e seu papel como defensora ativa das mulheres contra a misoginia na Idade Média. Para isso, exploraremos as obras O Livro da Cidade das Damas e O Tesouro da Cidade das Damas (1405), onde ela pretende escrever em defesa da reputação feminina e da preservação da vida das mulheres no período medieval, buscando também analisar as raízes dessa misoginia, o tratamento dado às mulheres e o papel incubido a elas na sociedade durante o período.

Palavras-chave: Christine de Pizan; Cidade das Damas; Misoginia; Defesa feminina.

Abstract: This paper aims to briefly analyze the works of Christine de Pizan, a medieval writer, and her role as an active defender of women against misogyny in the Middle Ages. For that, we will explore the works The Book of the City of Ladies and The Treasure of the City of Ladies (1405), where she intends to write in defense of the female reputation and the preservation of life of women in the medieval period, also seeking to analyze the roots of this misogyny, the treatment given to women and the role incubated for them in society during the period.

Keywords: Christine de Pizan; City of Ladies; Misogyny; Women Defense.

Pensar na História das Mulheres é pensar no êxito de figuras femininas e em suas participações ativas na história. Já pensar na História Medieval, contudo, foi por muito tempo pensar numa história essencialmente masculina, sem participação das mulheres - no entanto, com o avanço dos estudos no campo de história das mulheres no século passado, surge Christine de Pizan (1363 - 1430), escritora medieval que apresenta-se como uma defensora de voz ativa a favor do sexo feminino e contra a misoginia vigente da época. Esse artigo pretende apresentar a escritora, seu papel e seus ideais favoráveis às mulheres, porém também analisar até onde sua defesa das mulheres se aproxima de um modelo “feminista”, e os motivos possíveis pelos quais a autora não pretende ser uma transgressora da ordem social medieval. Para isso, utilizaremos suas duas obras relacionadas à educação feminina, O Livro da Cidade das Damas (1405) e O Tesouro da Cidade das Damas (1405), procurando antes ilustrar o contexto da misoginia medieval e o tratamento dado às mulheres, além de seus espaços delegados e como Christine de Pizan se distingue nesse cenário.

Durante muito tempo, pouco se sabia, no estudo da Idade Média, sobre a vida privada de seus protagonistas, seu cotidiano e suas mentalidades. Junto a isso, é óbvio que também pouco se sabia a respeito das mulheres medievais - restritas sempre a esfera privada da vida medieval. No começo do século XX, no entanto, com a criação da Escola dos Annales, a história se volta finalmente aos seres concretos, e as especificidades do cotidiano desses através dos séculos. Um dos maiores nomes dessa historiografia e da História Medieval é Georges Duby, autor de uma extensa coleção a respeito da vida privada e da vida medieval, ele se aventurou também a escrever sobre as mulheres. Em “Idade Média, Idade dos Homens” (1988), ele reúne ensaios sobre o amor, o casamento e os valores culturais a respeito das mulheres medievais. Em sua introdução, ele aponta que: “Essa Idade Média é resolutamente masculina. Pois todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade do seu sexo. Só as vozes deles chegam até mim” (DUBY, 2011, p. 7).

Duby não estava inteiramente equivocado. Suas fontes usadas em pesquisa são essencialmente masculinas: quase tudo o que temos de registros oficiais do período medieval são escritos por homens, e, em grande maioria, por homens do clero, devido a grande institucionalização da Igreja que houve no período. Com o passar dos anos, no entanto, a historiografia avançou com o desenvolvimento da história das mentalidades e a história cultural, que apoiando-se na multidisciplinaridade, se envolveram cada vez mais com a literatura e a linguística, por exemplo.

Junto disso, o século XX também foi significativo ao abordar uma nova área: a História das Mulheres. Seu auge veio junto com o avanço do feminismo, que ganhou força durante o século, especialmente a partir dos anos 60¹. As reivindicações das mulheres provocou uma grande demanda por fontes e informações a respeito de sua própria história, pouco discutida no campo acadêmico. Começam a surgir colóquios e grupos de debate, inicialmente na França, em busca dessas vozes pouco discutidas. “Tais estudos estenderam-se, ainda nos anos 70, a outras partes da Europa e do mundo, incluindo o Brasil. Esse reconhecimento, no entanto, ainda é frágil, não se podendo afirmar que as relações entre os sexos sejam vistas como uma questão fundamental da história” (SOIHET, 1997, p.13).

Nesse cenário, biografias de grandes mulheres são produzidas - como rainhas, princesas, cientistas, militantes, etc - buscando contrariar a ideia de que a mulher tenha tido um papel inteiramente passivo na história (especialmente a ocidental). É nesse contexto que o nome de Christine de Pizan vem a tona. Pizan volta a ser estudada e lida, especialmente na academia francesa - primeiramente pelo fato de ser considerada a primeira escritora mulher a viver apenas de seu ofício em uma profissão quase que exclusivamente masculina durante o período medieval. Além disso, como menciona Lucimara Leite em *Christine de Pizan, Uma Resistência*, sua obra começa a ser “disputada”, tanto por feministas quanto por antifeministas, que tem suas respectivas posições tomadas a partir das interpretações conflitantes de seus livros, especialmente por conta de dois: o Livro da Cidade das Damas (1405) e O Tesouro da Cidade das Damas (1405).

¹ SOIHET, 1997, p. 12

As obras, um esboço

Para isso vamos comentar um pouco esses textos. No primeiro, originalmente *Le Livre de la Cité des Dames*, Christine pretende defender o sexo feminino de escritores que difamam as mulheres e as acusam de serem causadoras de conflitos e naturalmente propensas aos vícios e ao mal. Para essa defesa, Pizan vai procurar rebater os argumentos mais persistentes de autores misóginos utilizando exemplos de mulheres notáveis da história e de seu convívio. Além disso, sua principal alegação na obra é de que a alma dos homens e das mulheres são criadas por Deus e, portanto, naturalmente iguais e boas, e o que difere uma pessoa boa ou ruim são as escolhas e consequências de suas ações, independente do sexo. Essa obra é especialmente acolhida pelas feministas por um argumento “polêmico” de Christine em pleno século XV - a ideia de que, se as mulheres fossem educadas desde pequenas como os homens, seriam tão boas e inteligentes quanto os homens:

(...) If it were the custom to send little girls to school and to teach them all sorts of different subjects there, as one does with little boys, they would grasp and learn the difficulties of all the arts and sciences just as easily as boys do. Indeed, this is often the case because, as I mentioned to you before, although women may have weaker and less agile bodies than men, which prevents them from doing certain tasks, their minds are in fact sharper and more receptive when they do apply themselves. (PIZAN, 1999, p. 57)

O segundo livro, *O Tesouro da Cidade das Damas* (também conhecido como *O Espelho de Cristina*), é um livro educativo, que pretende ensinar as mulheres - de diferentes classes - como se comportar na esfera privada e pública de suas vidas, com o intuito de seguirem bons valores e costumes. Diferentemente da *Cidade das Damas*, não tratava somente da teoria sobre a educação feminina e de mulheres exemplares, mas se revela como um guia sobre como as mulheres contemporâneas a Christine deveriam agir e o que deveriam aprender para cumprir seu papel na vida social. Este segundo livro foca na virtude moral cristã, e é considerado como continuação da *Cidade das Damas*. Pizan conduz as mulheres para que saibam como viver, sejam elas

rainhas, princesas, damas de companhia, esposas de mercadores, camponesas, casadas, solteiras ou viúvas, chegando a mencionar até as prostitutas.

Em breve, veremos mais especificamente o conteúdo das duas obras. No entanto, já fica claro de início as divergências entre as duas obras: enquanto uma é usada como um argumento para defender a ideia de que Pizan era uma feminista medieval, uma profeminista², como colocam historiadoras como Joan Kelly (uma das pioneiras na área de História das Mulheres), e, mais do que isso, considerada por muitos como uma mulher que em pleno período medieval, reivindicou para as mulheres uma educação e uma sociedade mais igualitária.

Já a obra seguinte, *O Tesouro da Cidade das Damas*, é por muitos leitores antifeministas considerada a “antítese” da obra anterior. Para os críticos, a obra prova que, ao escrever ensinando as mulheres a se comportar melhor, e seguir os padrões femininos forçados às mulheres medievais, Pizan não poderia de forma nenhuma ser considerada como uma mulher profeminista. Veremos, em breve, a validade dos argumentos de ambos os lados - nos atendo a nossa interpretação de ambas as obras, e analisando não só a ideia de um livro “transgressor”, com a *Cidade das Damas*, mas também a ideia de conformação à ordem do livro seguinte. Para tal, no entanto, precisamos antes falar sobre a situação da mulher no período medieval, sua imagem e seu lugar na Idade Média, e onde nesse lugar se encontrava Christine de Pizan.

A imagem e a condição das mulheres na Idade Média

A Idade Média é um período extremamente difícil para as mulheres, visto que ao longo desta época a Igreja católica teve participação intrínseca na vida de todos os sujeitos da Europa ocidental. A religião deteve o monopólio dos valores sociais da sociedade, e, por meio principalmente de sermões e da disseminação da palavra bíblica, impõe seus princípios morais na vida da população.

A idade média cristã colocou a diferença dos sexos no centro de sua reflexão antropológica e tomou a categoria do feminino como instrumento conceitual, poderíamos dizer, válido para tudo. Desde a Antiguidade tardia e os primeiros Pais da Igreja, o desequilíbrio entre os sexos e

² SANTOS, 2018, p. 170

uma tendência a favor do masculino, assim como a constituição do feminino em conceito abstrato, marcaram o pensamento ocidental; nós o herdamos. (LE GOFF, SCHMITT, 2017, p. 159)

Grande parte do repúdio e da visão da mulher como uma figura sedutora e fraca, que por natureza deve obedecer aos homens, está submetido ao mais famoso mito cristão, o da Criação. Eva, ao ser criada através de uma costela de Adão, para fazer companhia a ele, era apenas mera “projeção da criação divina”³ - logo, a mulher, feita a partir do homem, deveria ser submissa a aquele que era, de fato, criação feita à semelhança de Deus. Mas, especialmente, Eva é a figura que causou a danação humana: ao comer o fruto proibido e depois fazer Adão come-lo também, mostrou sua fraqueza e de virtude, ela cedeu às tentações do Mal e do pecado, condenando os homens ao sofrimento e a vida longe do paraíso, mas também condenando todas as mulheres a mesma fama de Eva.

O sexo feminino esteve sempre ligado a tentação. O perigo “feminino” era algo que obcecava a Igreja desde seus primórdios. São Paulo, por exemplo, havia comentado sobre essa distração como algo que poderia reduzir a capacidade de oração de uma pessoa, afastando-o de Deus⁴ - os pais da igreja seguiram o exemplo, e usavam esse argumento para desencorajar as virgens a se casarem, as viúvas a se casarem novamente, ou, ainda, para desencorajar os homens a se casarem, indicando que o desenvolvimento mental e espiritual pode ser prejudicado pela família e pela mulher. Esse argumento perdura durante séculos, e é usado especialmente para justificar a proibição do casamento de padres da Igreja; enquanto a igreja lutava gradualmente para estabelecer um sacerdócio totalmente celibatário, pedindo a seus clérigos que "evitassem a besta de duas pernas", houve um endurecimento da inclinação entre os mesmos clérigos de ver a mulher não apenas como uma armadilha sexual empregada pelo diabo, mas mesmo como voluntária. É interessante notar que uma das razões geralmente dadas para o monopólio masculino da pregação era que uma mulher pregadora, por mais virtuosa que fosse, incitava pensamentos imorais em

³ MACEDO, 2002, p. 66

⁴ BLAMIRE, 2002, p. 3

seus ouvintes, e, ao falar em público, ela aumentaria sua ameaça às almas dos homens. Em suma, como Alcuin Blamires, em *Woman Defamed and Woman Defended*, bem coloca: “*Not only did women excite men to sinful thoughts; women were actually held to be more lustful creatures by nature.*” (BLAMIRES, 2002, p. 5)

Na Idade Média, não se concebe a ordem sem hierarquia. A construção do masculino e feminino respeita essa noção e articula entre eles os princípios da polaridade e da superposição hierarquizada: “uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Dessa difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino.” (LE GOFF, SCHMITT, 2017, p. 159)

Especialmente a partir do século XI, junto do fenômeno de urbanização e crescimento econômico das cidades, surgem as Universidades. Os novos centros de educação surgem com uma nova forma de aprendizado, a escolástica. Esse saber escolástico procurava o conhecimento através de dupla fonte, sendo essa a Revelação Cristã, com os textos dos Pais da Igreja, e o saber da ciência antiga, especialmente, dos gregos⁵. Entre os grandes pais da filosofia grega, a escolástica é especialmente interessada por Aristóteles, que por sua vez foi precursor de uma concepção muito particular sobre a condição das mulheres. Aristóteles é descrito como o primeiro filósofo a argumentar consistentemente que existem diferenças, além das biológicas, *filosoficamente* significativas entre homens e mulheres, e que, por conta dessas diferenças, o homem é *por natureza* superior à mulher. Sua teoria da polaridade sexual é desenvolvida em “Da Geração de Animais”, “Metafísica”, “Ética a Nicômaco” e “Política”.⁶

As diferenças entre os sexos, para ele, são divididas resumidamente: o homem é quente, ativo, possui semente fértil, possui alma racional capaz de governar alma irracional, está adequado e apto ao discurso e a vida pública, tem capacidade de governar por natureza e pertence à esfera pública de atividade. Enquanto a mulher é fria, passiva, sem semente, sua alma racional é sem autoridade sobre a alma irracional, não tem capacidade para a vida pública e é restringida ao silêncio, obedece por

⁵ LE GOFF; SCHMITT (Orgs.), 2017.p. 647

⁶ ALLEN, 1987, p. 91

natureza e pertence à esfera privada.⁷ Em suma, seu conceito era de que a mulher é um homem "deformado", "defeituoso" ou incompleto. Alguém que não conseguia alcançar o padrão de perfeição masculino porque sua menstruação sinalizava que seu corpo (e sua mente) era *fisiologicamente* inferior.⁸

As mulheres, então, estavam fadadas ao prejulgamento de que eram inferiores, capazes de coisas nefastas e portadoras das piores qualidades. Eram consideradas, “por natureza”, fofas, falantes e avarentas. Essa fama se dá principalmente depois do advento do romance vernacular, em meados do século XII, que teve um papel essencialmente conservador na transmissão da ideologia patriarcal e dos privilégios de classe. A difamação feminina ocorria especialmente na sátira medieval, um de seus gêneros mais recorrentes, muitas vezes usadas para maldizer as mulheres e argumentar contra o casamento. R. Howard Bloch, em *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental* (1995), nos mostra esse percurso que o discurso misógino tomou. Dos textos religiosos até o romance leigo, a ideia da inferioridade feminina sai do gênero formal dos sermões e se insere nas “ficções” dos romances, ajudando sua conservação na mente dos homens e mulheres nos séculos por vir:

O discurso da misoginia é tão persistente na Idade Média que a uniformidade de seus termos fornece uma ligação importante entre este período e o presente, impondo ainda mais o assunto porque, como veremos, tais termos ainda governam (conscientemente ou não) as formas pelas quais é concebida a questão da mulher - tanto por mulheres quanto por homens. Este não é de modo algum um ponto óbvio e, para amarrá-lo, irei reportar-me não só aos antifeministas canônicos da Idade Média, mas também aos seus herdeiros espirituais – os filósofos, romancistas, especialistas médicos, cientistas sociais, e críticos do século XIX, cujo tipo particular de romantismo e de misoginia naturalista carrega consigo uma extensa carga de atitudes não examinadas do passado medieval e mesmo patrístico (BLOCH, 1995, p. 14)

Como Bloch aponta, mesmo antes, - e após - o século XII, os papéis segregadores de classe e gênero já eram defendidos por um grande corpo de tratados

⁷ ALLEN, 1987, p. 92

⁸ BLAMIRE, 2002, p. 2

e ficções didáticas que definiam etiqueta, comportamento, valores morais e papéis sociais para as mulheres de posições sociais específicas - basicamente, ensinando as mulheres como “superar” sua natureza ruim e maléfica e a se comportar em sociedade como boas donzelas. Enquanto os romances e sátiras, ou seja, a literatura leiga, era usada muitas vezes para maldizer as mulheres, a literatura cristã, essa por sua vez de autoridade inquestionável, era usada como mecanismo de controle a tais mulheres.

Modelos comportamentais femininos medievais

Em *A History of Women: Silences of the Middle Ages*, Carla Casagrande define com uma palavra a circunstância e a maneira que as mulheres eram mantidas: sob *custódia*. A palavra, que demonstra segurança e proteção, para os moldes da época representava a proteção, de fato, de um status quo da superioridade masculina, ao contrário de uma proteção de fato as mulheres, e tinha a função de vigiar e reprimir.

Wayward in body and restless in spirit, women had to be in somebody's custody. Obsessively repeated in titles, headings, and conclusions of treatises and sermons, “custody” became a key word in the entire corpus of pastoral and pedagogical literature for women. “Custody” stood for everything that could and should be done to educate women in good manners and save their souls. It meant, on the one hand, to repress, watch over, and shut in; on the other, to protect, preserve, and care for.⁹ (CASAGRANDE, 1994, p. 87)

Um dos “atributos” mais exigidos pelos pregadores e moralistas é a modéstia. Tanto os sermões da Igreja quanto os livros escritos por leigos pregam a discrição das mulheres, ou ainda mais, a timidez. A modéstia era, por si só, uma forma de custódia, pois mantinha as mulheres afastadas da comunidade. A timidez feminina era

⁹“De corpo rebelde e inquieta em espírito, as mulheres tinham que estar sob custódia de alguém. Obsessivamente repetida em títulos, cabeçalhos e conclusões de tratados e sermões, “custódia” tornou-se uma palavra-chave em todo o corpus de literatura pastoral e pedagógica para mulheres. “Custódia” representava tudo o que podia e deveria ser feito para educar as mulheres de boas maneiras e salvar suas almas. Por um lado, significava reprimir, vigiar e fechar; por outro, proteger, preservar e cuidar. Uma mulher em custódia era amada e protegida como uma jóia de valor inestimável, escondida como um tesouro frágil e precioso, guardada como fonte de perigo iminente, encarcerada como uma fonte do mal inevitável. Essa complexa série de operações, desde a mais estrita repressão até os cuidados mais amorosos, tinha que ser iniciada desde a mais tenra infância e continuar - seja ela jurada à igreja ou não - ao longo das várias fases de sua vida.” Tradução nossa.

encorajada; falar em tom baixo, só quando a palavra fosse dirigida para ela, e sempre controlada.

“(...) women should practice the reserve that so often paralyzed them, continue to be bashful and insecure in social relations, shy away from encountering any man, blush, and behave like untamed animals. Modesty was a form of custody because it kept women apart from the community, relegated them to enclosed, protected areas such as the home or convent, preserved their chastity, and kept them on an instinctive, animal level¹⁰. (CASAGRANDE, 1994, p. 88)

A mulher era encorajada a se desapegar da vida pública na comunidade e permanecer dentro do domínio privado do lar ou convento. Isso é intrinsecamente ligado a recomendação de que ela se destacasse dos aspectos externos de seu corpo e se concentrasse nos aspectos internos de seu espírito. Uma mulher prometida ao convento, por exemplo, levaria isso até o último “estágio”, onde se distanciaria por completo da sociedade, das necessidades “da carne”, e dos adornos no vestuário. Já a mulher casada ou viúva, deveria almejar estar cada vez mais distante do mundo exterior e não ceder às tentações frívolas.

Como já mencionado, a literatura educacional e pastoral usou toda a sua autoridade cultural e força retórica para ressaltar o bem da custódia. “As escrituras sagradas foram ‘vasculhadas’ para encontrar exemplos dignos de mulheres que se separaram voluntariamente do mundo exterior, infligindo em seus corpos os mais rigorosos regimes disciplinares.”(CASAGRANDE, 1994, p. 92). Uma vez em casa, sob a tutela de seu pai ou de seu marido, a mulher estaria segura das tentações e desejos que sua alma fraca estaria sempre tentada a sucumbir, e teria tempo para aprender e realizar as tarefas femininas. Das mulheres, era esperado as habilidades de tecer, bordar, cuidar da casa e serem boas mães para suas crianças e boas esposas aos seus maridos. Mas a principal habilidade que os pregadores exigiam das mulheres era a do silêncio. Para os homens, o silêncio praticado pelas mulheres garantia a eles o

¹⁰ “ (...) as mulheres deveriam praticar a reserva que muitas vezes as paralisa, continuar sendo tímidas e inseguras nas relações sociais, evitar encontrar um homem, corar e se comportar como animais selvagens. A modéstia era uma forma de custódia porque mantinha as mulheres afastadas da comunidade, as relegava para áreas fechadas e protegidas, como a casa ou o convento, preservava sua castidade e as mantinha em um nível instintivo e animal.” Tradução nossa.

controle de que as mulheres não poderiam pregar, ensinar e muito menos, governar.¹¹ Um dos grandes argumentos misóginos - usado até mesmo na contemporaneidade - é de que era da natureza feminina falar demais, o que ocasionava em fofocas e mentiras. Além disso, uma mulher em silêncio não correria o risco de, com suas palavras, seduzir os homens ao caminho do mal.

Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual, ou escriturária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seus rostos devem às vezes ser cobertos e até mesmo velados. “As mulheres são feitas para esconder a sua vida” na sombra do gineceu, do convento ou da casa. (PERROT, 2005, p. 10)

A educação de Cristine e suas consequências

Contudo, apesar do impiedoso julgamento sob as mulheres e da difícil tarefa de manter uma boa reputação, eventualmente destacam-se grandes mulheres no período medieval, em geral, rainhas, santas e monjas. É nesse sentido também que Christine de Pizan se destaca, já que, de acordo com os padrões da época, e sua classe social, seu lugar era ao lado de um marido, tecendo e cuidando de suas crianças.

Pizan chama a atenção, primeiramente, por ter recebido uma educação quase “masculina”, além de ser reconhecida como uma das primeiras mulheres escritoras da história ocidental a viver das letras. Nascida em Veneza, em 1364, ainda muito pequena, se muda para Paris com sua família, quando seu pai é convidado por Carlos V, o Rei Sábio, para trabalhar como astrólogo da corte no Palácio do Louvre. Apesar de não possuírem nenhum título de nobreza, Christine e sua família tinham amizades com os nobres e acesso a grande biblioteca do rei, uma das maiores da época. É lá que ela, sob a tutela de seu pai, começa sua educação, sempre encorajada aos estudos das línguas e das ciências.

Em 1380, Pizan se casa com Etienne de Castel, um dos secretários e conselheiros do rei. Ana Rieger Schmidt, em seu artigo sobre mulheres na filosofia, nos recorda que a própria Christine comenta em sua obra *Le livre de l'Advision Cristine*, que, não fosse a viuvez, nunca teria se dedicado à escrita, e sim as responsabilidades

¹¹ CASAGRANDE, 1994, p. 98

domésticas incubidas as mulheres de sua classe social.¹² Contudo, na mesma década, acontece uma reviravolta; morre o rei, o pai de Christine e seu marido - por quem ela tinha grande apreço e dedica alguns de seus poemas. Em 1389, a autora, com a mãe viúva e seus filhos para sustentar, ainda se deparou com credores que alegavam que a família devia dinheiro a eles. Christine, ainda jovem, possuía como escolha tentar se casar novamente ou se voltar ao convento. No entanto, ela resolve por em uso seus anos de estudos anteriores, e se inscreve em um concurso de poesia que acontecia na corte. Esse é seu primeiro contato com a escrita. A divulgação das obras de Pizan nos leva a constatarmos a favorabilidade da nobreza francesa à sua produção literária. Esse relacionamento social garantiu a Pizan o apoio de mecenas na compilação e publicação de suas obras, pois reis, rainhas e princesas eram solícitos aos seus pedidos aprovando os seus trabalhos - prolífica, produziu mais de 40 obras em uma gama variada de gêneros literário.¹³

Christine ganha grande fama em sua época especialmente a partir de sua obra *Épître au dieu d'amour* (Epístola ao Deus do Amor), uma carta em forma de poema escrita por Cupido, o deus do amor, endereçada aos “amantes desleais”, em que constavam as reclamações das mulheres que, em seus casamentos, foram difamadas, traídas e maltratadas. José Rivair Macedo, em *A Mulher na Idade Média*, nos explica que através da boca desse deus, Christine denuncia os “falsos amantes”, que não honravam as damas e a santidade de seus casamentos. Essa obra foi por muitos considerada uma resposta ao clássico *Romance da Rosa*, popular obra medieval.

O Romance da Rosa é um poema dividido em duas partes: a primeira, escrita por volta de 1230, por Guilherme de Lorris, narra as tentativas de um cortesão em conquistar sua amada. Muitos o consideram como um “manual sobre a arte de amar”, o clássico romance cortês. Anos depois, aproximadamente em 1280, Jean de Meung adiciona uma segunda parte ao poema. No entanto, com alterações significativas no teor literário da obra, que torna-se uma espécie de sátira, onde o autor se opõe e critica a instituição do casamento, e expõe as mulheres e seus “vícios e arte de enganar”,

¹² SCHMIDT, 2020, p. 1

¹³ SCHMIDT, 2020, p. 3

descrevendo-as como frívolas, fracas e sedutoras. A rosa, ao final do poema, é arrancada do jardim por meio da traição, atribuída à figura da mulher.

Apesar do poema de Christine não se endereçar a ninguém diretamente, um dos conselheiros do rei Carlos VI, Jean de Montreuil, provavelmente tendo contato com a obra, escreve um tratado apoiando o Romance da Rosa. Embora o tratado agora esteja perdido¹⁴, ele parece ter argumentado que o poema era uma obra de sabedoria e virtude cristã, escrita na forma de alegoria na qual os personagens apresentavam uma variedade de pontos de vista diferentes, e concluiu que os autores não deviam ser responsabilizados pelas opiniões de um personagem em particular. A partir de então, Jean e Christine se envolvem em um debate por uma série de cartas - Prudence Allen, em *The Concept Of Women: The Early Humanist Reformation*, o coloca como a “primeira polêmica literária da história ocidental e no primeiro posicionamento público de uma mulher em defesa das demais.” (ALLEN, 2002, p. 94). No início de 1401, Christine escreveu uma carta diretamente em resposta a Montreuil, questionando sua interpretação do poema. Sua maior preocupação era defender o casamento, e defender a ideia de que a traição e a fraqueza era um erro moral atribuído à falta de virtudes, que acometia toda a humanidade, e não apenas ou especialmente as mulheres. Além disso, Pizan era contra a forma “imoral” e satírica que Jean de Meung escreve seu poema. Ela acreditava que todo autor deveria assumir a responsabilidade moral sobre suas obras, e que a literatura devia ter como função a boa orientação moral, e não só qualidade estética.¹⁵

O debate segue durante diversas cartas, onde outros estudiosos da época tomam partido, na defesa de Meung ou de Pizan. Christine ainda transcreve as cartas em um pequeno livro e o envia a Isabel da Baviera, mulher de Carlos VI e rainha da França. Nas cartas, Pizan fala explicitamente em nome do seu sexo e usa sua condição de mulher como posição privilegiada para argumentar. Embora a rainha Isabel não tenha entrado no debate, Allen (2002) nos conta que é nesse contexto que ela vira ávida leitora de Christine.

¹⁴ ALLEN, 2002, p. 380

¹⁵ SCHMIDT, 2020, p. 5

O debate entre os diversos participantes da querela se encerra oficialmente ao fim de 1401, mas, para Christine, era apenas o começo. Em 1405, Christine de Pizan escreve O Livro da Cidade das Damas.

A obra é dividida em três “livros”, e cada um é dedicado a uma das damas, que são apresentadas durante a introdução. A Cidade das Damas começa com Christine, a escritora e também narradora-personagem, em seu gabinete estudando. Para descansar de sua leitura acadêmica, ela resolve ler algo mais leve, e pega um livro de Matheolus. Ao ler um pouco, ela o descarta, pois acha a linguagem e suas idéias imorais. No entanto, a leitura a faz considerar porque tantos homens, desde filósofos, poetas e até religiosos, dizem tantas coisas ruins e danosas a respeito das mulheres e de seus comportamentos. A narradora tenta então, encontrar ao seu redor, no seu círculo social, alguma prova de que as mulheres sejam esses seres vis e desvirtuados que ela encontra na leitura, mas, pelo contrário, só encontra exemplos positivos.

Mesmo assim, ela se vê obrigada a aceitar esse julgamento das mulheres, já que não seria possível tantos homens sábios estarem errados a respeito da mesma coisa. Ainda assim, ela se pergunta como Deus, em sua perfeição, erraria tanto ao criar um ser tão ruim e tão cheio de vícios. Esse comentário em si já é polêmico - ela comenta que se Deus é perfeito, ele também seria perfeito em suas criações, ou seja, ou a falha estava na própria criação de Deus, ou nos homens que julgaram errado as mulheres durante toda a história.

Durante suas lamentações, aparecem para ela as três damas, Razão, Retidão e Justiça - personificações das virtudes, que se colocam como filhas de Deus e trazem a mensagem de que, na realidade, são esses homens que chegaram às conclusões erradas a respeito das mulheres, e que elas são capazes de serem virtuosas e efetuarem coisas boas - e também ruins - na mesma proporção que os homens; ou seja, em matéria de espiritualidade, homens e mulheres são iguais. Razão explica a Christine o propósito das três Damas ali: Deus as enviou, pois, finalmente, tinha escutado a prece de todas as mulheres que foram julgadas, e escolheu Christine para ajudar a construir uma cidade apenas de mulheres (honrosas e merecedoras), onde não existiria violência nem desigualdade.

The female sex has been left defenceless for a long time now, like an orchard without a wall, and bereft of a champion to take up arms in order to protect it. (...) It's no wonder that women have been the losers in this war against them since the envious slanderers and vicious traitors who criticize them have been allowed to aim all manner of weapons at their defenceless targets. (...) Only ladies who are of good reputation and worthy of praise will be admitted into this city. (PIZAN, 1999, p. 11)

A partir disso, Christine constrói sua obra a partir de perguntas retóricas as três Damas, onde ela questiona os argumentos mais comuns de autores misóginos a respeito das mulheres, como, por exemplo, o argumento de que as mulheres são menos inteligentes que os homens (esse mencionado anteriormente, e respondido que se fosse costume educar as mulheres como se educam os homens, elas seriam tão inteligentes quanto eles), mais fracas que os homens ou de que as mulheres são incapazes de governar e cuidar de finanças. Além disso, argumentos de cunho moral, como a incapacidade de mulheres de se manterem fiel no casamento, de honrarem seus maridos, de naturalmente falarem demais, causarem intrigas, ou de manterem sua castidade. A forma de resposta das Damas era, além da negação, elencar exemplos de mulheres da história (ou do círculo de nobres que Pizan rodeava) que provassem o oposto.

Ao exemplificar boas rainhas, Pizan utiliza como referência a rainha Fredegunda, conhecida por sua crueldade mas também por sua sabedoria, a rainha Branca, que governou o país enquanto seu filho era menor de idade, e a rainha Jeanne, esposa de Carlos IV, com quem Christine teve contato na infância¹⁶. Já ao exemplificar mulheres que quebram o mito de que o sexo feminino é naturalmente inferior por ser mais fraco, Pizan cita a Rainha Semiramis (atribuída a fundação da Babilônia) e as guerreiras Amazonas (no caso, figuras não só da Antiguidade como mitológicas, mas que Christine não deixa claro em sua obra).

Ao responder o argumento de que as mulheres eram infiéis e más esposas, Christine ainda vai além de seus exemplos, comentando que os textos satíricos que pretendem mostrar a “realidade” dos casamentos e das mulheres, são, muito

¹⁶ PIZAN, 1999, p. 31

provavelmente, escritos por homens que nunca foram casados, e não sabem a realidade de um casamento - um dos exemplos positivos de boas esposas e bons casamentos que ela aponta é o seu próprio; além disso, ao contrário do que os autores “anti casamento” dizem sobre as mulheres, a autora expõe que o casamento pode ser um tormento para elas, pois nem sempre se casam com homens virtuosos, e acabam sendo maltratadas. “How many harsh beatings - without cause and without reason - how many injuries, how many cruelties, insults, humiliations, and outrages have so many upright women suffered, none of whom cried out for help?” (PIZAN, 1999, p. 119). Nota-se aqui a sensibilidade de Christine em mencionar que a violência a mulher não permanecia apenas no âmbito moral, era muitas vezes física, e não havia nada que uma mulher agredida por seu marido pudesse fazer - esse é um ponto que tocamos novamente em breve.

Christine usou uma pedagogia de exemplos que colocava em cena mulheres que, sozinhas, chegaram ao conhecimento, por meio de sua coragem, força ou suas virtudes. Sua intenção com seus exemplos era mostrar as suas leitoras - ou ouvintes, considerando a oralidade das obras - que a capacidade de pensar por si mesmas era inerente ao ser humano, e não apenas aos homens, e que *todas* as virtudes eram iminentes tanto aos homens quanto as mulheres, não havendo distinção entre os sexos na capacidade mental. Como Leite (2015) aponta, “Christine pensava que as mulheres pertenciam a uma categoria social inserida na hierarquia proposta pelos homens, o que constitui um marco importante e inovador para os tratados de educação direcionados às mulheres”.

Não é a toa que Pizan é considerada uma protofeminista. De fato, sua obra, apesar de obedecer os parâmetros da literatura medieval, se mostra moderna ao tocar em pontos sensíveis de certas doutrinas medievais a respeito do tratamento dado às mulheres, onde Christine demonstra a crença em uma igualdade fundamental de dignidade e valor entre mulheres e homens. A obra, no entanto, não pretende mais do que isso - em nenhum momento Pizan comenta sobre ampliar os direitos das mulheres ou aumentar os locais de pertencimento feminino na sociedade medieval. Apesar de parecer entender que o problema na desigualdade entre homens e mulheres é algo social, e não natural, ela não reconhece que, diante dessa desigualdade no tocante à

moral e caráter entre os sexos, há também desigualdade nos direitos e nos papéis atribuídos aos homens e as mulheres.

Em suma, O Livro da Cidade das Damas, e a própria Christine de Pizan, não possuem intenção de serem transgressores. Pizan não pretende ultrapassar as noções e normas que marcam o papel da mulher no período medieval, e sim reivindicar uma valorização da imagem da mulher. Compreendemos que como qualquer outro escritor do período, ela estava submetida às normas: era preciso não só do reconhecimento do público, mas também de seu patrocínio, para continuar a escrever - como mulher escritora, ela já estava, de algum modo, trespassando as normas sociais da época, então seria pouco provável ela optar por escrever um assunto que fosse “proibido” e que já não houvesse, com alguma certeza, um público que concordasse ou ao menos tolerasse sua opinião a respeito da igualdade de intelecto e de virtudes entre homens e mulheres, no entanto, reivindicar outros espaços e outros papéis fora da ordem e da hierarquia social da sociedade medieval, provavelmente seria algo além de sua prerrogativa.

Ao nos debruçarmos sobre a continuação da Cidade das Damas, o Tesouro da Cidade das Damas, notamos explicitamente qual a necessidade de se conservar o status quo. O livro se inicia com Christine repousando após a tarefa de escrever o livro anterior, quando novamente ela recebe uma visita das Damas. Elas pedem a ela para que continue escrevendo, pois apesar da cidade estar terminada, era preciso que as futuras habitantes da cidade, mulheres virtuosas, fossem educadas de como seguir uma vida de fé, honra e respeito. Pizan escreve então um livro educativo para as mulheres com a conduta e as atitudes que se esperava de mulheres virtuosas.

Apesar de tratados educativos endereçados a mulheres e seu comportamento serem comuns durante o período, sua obra tem um diferencial não encontrado em outros. Pizan descreve o dia a dia e o comportamento ideal de uma mulher francesa e divide seu livro em três partes: Sua divisão é feita de modo que, a primeira parte do livro seja a respeito dos “preceitos gerais” da vida da mulher, sendo esse o principal à adoração a Deus, e é dedicado a explicar a vida das rainhas e das princesas. O segundo livro é dedicado as outras nobres e senhoras que vivem na corte, enquanto, o terceiro livro, se destina às “mulheres de estado”, burguesas, e mulheres do povo,

como mulheres de mercadores, lavradores e até mesmo as prostitutas. Tal parte é extremamente interessante considerando que, dentro desse gênero literário, as maiorias dos espelhos eram feitos por padres ou mestres para príncipes, ou por homens para mulheres, mas, excepcionalmente, para mulheres da corte, já que as mulheres “comuns”, do povo, não teriam nem mesmo acesso a esses livros. Além disso, diferente dos outros tratados feitos às mulheres, a divisão de Christine também é inédita, já que ela divide o livro em classes sociais, e não em “estados civis”, como era a regra – a divisão não foi feita apenas em mulheres solteiras, casadas e viúvas, como de costume¹⁷. Enquanto essa divisão parece insinuar que Pizan acreditava que todas as classes sociais de mulheres estavam inclusas e eram dignas de irem para a Cidade das Damas, lugar nobre e criado por Deus - ou seja, que todas seriam capazes das mesmas virtudes, ela não deixa de apontar que as mulheres nobres, especialmente as princesas, estavam na corte pela vontade de Deus, e precisavam ser mais bem educadas do que as outras, especialmente pois suas condutas iriam influenciar as mulheres em posições inferiores:

Our first students must be those whose royal or noble blood raises them above others in this world. Inevitably, the women, as well as the men, whom God establishes in the high seats of power and domination must be better educated than others. Their reputations will lead to great worthiness in themselves and in others. They are the mirror and example of virtue for their subjects and companions. The first lesson, therefore, will be directed at them— the queens, princesses, and other great ladies. (PIZAN, 1989, p. 70)

As lições mais importantes para a conduta feminina passam sempre pelo âmbito religioso. Seu primeiro ensinamento é o amor e a temência a Deus, e durante o livro as menções a uma vida honrosa, longe de traições, fofocas ou disputas se fazem sempre presente. Além disso, a aquelas que tinham dinheiro, a humildade também era um requisito. Como uma mulher de seu tempo, e “contrariando” um ideal feminista, Christine prega também a obediência e a submissão da mulher com seu marido. Ela

¹⁷ LEITE, 2015, p. 135

aconselha que a mulher deveria, a todo tempo, manter a paz com seu esposo e obedecer-lhe sem reclamações.

Tal ensinamento, no entanto, parece não ser tanto uma conformação da autora quanto uma necessidade para a época. Como coloca Lima (2019),

Neste ensinamento, percebemos não um desejo da autora, mas uma necessidade das mulheres medievais, visto que não tinham nenhuma garantia que as amparasse da violência masculina. As Leis, o Estado, a Família e a Igreja, todos pregavam a obediência das mulheres aos homens. (LIMA, 2019, p. 66)

A submissão, pregada por Christine, parece obedecer a ordem social hierárquica medieval, mas era maior que isso - Leite (2015) enfatiza que, para as mulheres, não havia outra possibilidade a não ser a obediência e a dissimulação dos sentimentos das mulheres a respeito de seus maridos e ao tratamento dado por eles. Como já mencionamos antes, a ideia de que a mulher estava sujeita a dominação do homem não estava apenas amparada pela lei mas pela Igreja e pelo senso comum - ela se tornava propriedade do marido, que tinha todos os direitos sobre ela e poderia dispor como quisesse da vida de sua esposa, como aplicando castigos físicos ou a mantendo em cárcere, chegando muitas vezes ao homicídio.¹⁸ A própria Christine, ao comentar sobre a necessidade de obedecer ao marido e sua família, se coloca no lugar de esposa novamente:

“If I speak to him harshly, I will gain nothing. If he mistreats me, I am headed into a storm. Perhaps he might send me away. Then people would mock me all the more, thus adding shame and disrepute to the whole despicable affair. Even worse might overtake me. Alas, I am obliged to live and die with him, whatever he may be.” (PIZAN, 1989, p. 90)

Numa sociedade regida por convenções e protocolos, especialmente no ambiente da corte, todas as ações e decisões eram premeditadas, por isso a necessidade de manter a aparência e a dissimulação, utilizados inclusive como trunfo para manter o comportamento adequado às mulheres, mas, para Pizan, utilizada para

¹⁸ LEITE, 2015, p. 146

a própria proteção da mulher. “Embora o Livro das Três Virtudes utilize-se das regras impostas por aquela sociedade também há uma tentativa de distanciar-se da misoginia, pensamento tão prejudicial para a vida e representação das mulheres na Idade Média” (LIMA, 2019, p. 61), isto é, seguir as normas sociais, como, tratar bem seu marido, aguentar casamentos mesmo que indesejados, formar elos com nobres e cultivar a boa postura poderiam a proteger; já seguir os preceitos morais, como a devoção a Deus, a humildade, o comedimento e a descrição não só as ajudariam a cultivar boas virtudes (no caso, para ocuparem a Cidade das Damas), mas também ajudaria a cultivar e demonstrar uma melhor representação das mulheres no imaginário medieval.

Entendemos que Pizan, apesar de já avançar no tocante a uma defesa das mulheres, ainda é uma mulher de seu tempo, que precisa absorver as demandas da posição a qual ela pertence. Ela não pretende se desvincular do discurso vigente, mas exemplifica as suas leitoras como garantir um espaço de atuação e preservação possível, utilizando especialmente a prudência como ferramenta.

Considerações Finais

A análise das duas obras nos faz compreender que, embora Christine advogasse a favor de uma melhor reputação para as mulheres, ela não pretendia romper o “pacto” da ordem social em que vivia. Este pode ser, também, um dos motivos pelo qual seu livro não foi cassado ou suprimido na época. É importante lembrar que Pizan, apesar de uma mulher visionária quando se tratava da disputa sobre a moral feminina, ainda era uma autora medieval, conseqüentemente, “fruto” do pensamento dessa época. “The significance of the ‘Cite’ lies not in its anticipation of twentieth-century feminism but in the way in which Christine offers her female readership models of behaviour which, unlike those in Boccaccio's catalogue, are meant to be accessible to all medieval women.” (BROWN-GRANT, 1999, p. 174).

Para Christine, as virtudes morais e espirituais não têm gênero e podem ser encontradas em ambos os sexos, no entanto, ela parece entender as restrições impostas às mulheres por sua própria sociedade, mas enfatiza que, apesar de tais restrições, suas leitoras ainda podem aspirar e alcançar a virtude moral em sua própria

esfera de influência.¹⁹ Sua preocupação, como autora, era de recuperar o corpo feminino, literal e moralmente, como um local de virtude e não de vício, como os escritores misóginos insinuavam.

Ao nos atermos à reputação e ao tratamento dado às mulheres durante a Idade Média, entendemos a dificuldade de qualquer “protofeminista” se levantar contra o machismo e ainda por cima reivindicar novos lugares as mulheres - a misoginia estava presente em todos os âmbitos da sociedade, enraizada no pensamento e nas doutrinas, e não iria facilmente ceder. Conseguir se estabelecer como escritora e tentar mudar a representação das mulheres, já foram, por si só, grandes feitos para Christine. A luta feminina, apesar de iniciada “oficialmente” com os movimentos sufragistas e feministas, embora tímida e silenciosa, não era inexistente. Infelizmente, sabemos que tais ideais misóginos e anti-femininos perduraram: a caça às bruxas, que viria nos séculos seguintes, é um dos exemplos disso.

No período medieval, a tradição misógina em todas as suas manifestações, fossem elas “científicas”, teológicas e literárias justificou as alegações sobre a inferioridade social, jurídica e psicológica das mulheres em relação aos homens. Nesse contexto, Christine, em *O Livro da Cidade das Damas*, parece procurar minimizar o fato da diferença sexual e a insistir na humanidade compartilhada de homens e mulheres em termos intelectuais e morais - no entanto, não menciona o fato dessa inferiorização feminina manter as mulheres longe de espaços delegados como “masculinos”. Já em *O Tesouro da Cidade das Damas*, o objetivo de Christine é apontar estratégias de comportamento que não só ajudem as mulheres a manter qualquer pretexto para misóginos as criticarem longe, mas também maneiras de protegerem suas reputações e suas vidas. A conquista de Christine como defensora das mulheres, portanto, não está em uma antecipação das estratégias que as feministas posteriores empregariam séculos depois, como a reivindicação do corpo feminino e dos espaços públicos, mas em seu prolongado envolvimento crítico com a ideologia dominante de sua época.

Pizan não pretende romper com a ordem social de hierarquização da sociedade, e para ela a noção de equidade entre homens e mulheres se limitava aos limites da alma. No entanto, não podemos descartar a relevância e o valor de Christine de Pizan

¹⁹ BROWN-GRANT, 1999, p. 217

na defesa das mulheres. Brown-Grant (1999) nos recorda que precisamos prestar à crítica da misoginia de Christine o respeito que ela merece, e vê-la como alguém que estabelece um diálogo com a sociedade e a cultura do final da Idade Média, em vez de simplesmente elogiá-la ou denunciá-la pela extensão em que ela “alcança” ou não aos ideais e crenças feministas do século XX e XXI.

Referencias Bibliográficas

ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution (750 B.C. - 1250 A.D.)*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Press, 1997.

ALLEN, Prudence. *The Concept of Woman. Volume II. The Early Humanist Reformation, 1250-1500*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Press, 2002.

BLAMIRE, Alcuin. *Woman Defamed and Woman Defended: An Anthology of Medieval Texts*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

BLOCH, R. H. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BROWN-GRANT, Rosalind. *Christine de Pizan and the moral defence of women*. Cambridge University Press. 1999.

COLLET, Barry. *The three mirrors of Christine de Pizan*. In Mews, C. J. & Green, Karen. *Healing the body politic : the political thought of Christine de Pizan*. Turnhout, Belgium: Brepols. 2005.

DABAT, Christine Rufino. "Mas onde estão as neves de outrora?" *Notas bibliográficas sobre a condição das mulheres no tempo das catedrais*. *Cadernos de História UFPE* v. 1, n. 1. 2002.

DUBY, Georges. *As damas do século XII*. São Paulo: Cia de Bolso. 2013.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo: Cia de Bolso. 2011.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle; KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *A History of Women: Silences of the Middle Ages*. Cambridge: Harvard University Press. 1994.

FERREIRA, Antonio Celso. *Literatura – A fonte fecunda*. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *AVE EVA! - INVERSÃO E COMPLEMENTARIDADE DE UM MITO MEDIEVAL*. *Revista USP*, (31), 52-67, 1996.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média: Referências obrigatórias*. Grupo de Trabalho de Estudos Medievais. *Série Estudos Medievais 2: Fontes*. 2012.

GREEN, Karen. *Christine De Pizan: Isolated Individual or Member of a Feminine Community of Learning?*. In: MEWS, Constant; JOHN, Crossley (eds.); *Communities of Learning: Networks and the Shaping of Intellectual Identity in Europe 1100-1500*. Brepols Publishers. 2011.

- HUIZINGA, Johan. O Outono da Idade Média. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- KARAWEJCZYK, Mônica. Christine de Pisan, uma feminista no medievo? *Historiæ*, Rio Grande, 8 (1): 189-203, 2017.
- KRUEGER, Roberta L. *Women Readers and the Ideology of Gender in Old French Verse Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.) *Dicionário analítico do Ocidente Medieval*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- LEITE, Lucimara. *Christine de Pizan: uma resistência*. Lisboa: Chiado Editora, 2015.
- LÉON, Vicki. *Mulheres audaciosas na Idade Média*. Trad. De Marita Fornos Magalhães. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1997.
- Lima, Gizelda Ferreira do Nascimento. *Uma Análise Da Educação Feminina Em O Livro Das Tres Vertudes a Insinança Das Damas De Christine De Pizan*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.
- NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 2 nº 3 p.23-56 Set./Dez. 2011.
- NERI, Christiane Soares Carneiro. *Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas*. *Revista Gênero & Direito*, v. 2, n. 1. 2013.
- PERNOUD, Regine. *A mulher no tempo das Catedrais*. Lisboa: Gradiva. 1984.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PINTAR, Karla. *A Cidade das Damas: um romance de (anti)tese*. *Lettres Françaises*, v. 1, p. 15-30, 2018.
- PIZAN, Christine de. *The Book of the City of Ladies*. Tradução de Rosalind Brown-Grant. Londres: Penguin Books. Tradução de 1999.
- PIZAN, Christine de. *A medieval woman's mirror of honor: the treasury of the city of ladies*. Tradução de Charity Cannon Willard. Massachusetts: Bard Hall Press and Persea Books. Tradução de 1989.
- RICHARDS, Earl Jeffrey (Org.) *Reinterpreting Christine de Pizan*. London: University of Georgia Press, 1992.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos. A construção das ideias de moral e normativa feminina em Christine de Pizan e sua leitura pela dinastia de Avis: uma análise em perspectiva comparada. Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. *História Revista*, 1 (2): 69-78, jul./dez. 1996.

SCHMIDT, Ana Rieger. Mulheres na Filosofia: Christine de Pizan. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, V. 6 N. 3, 2020, p. 1-15.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP. 1992.

SILVA, Daniel Eduardo da. O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: a cidade das damas. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997

SOUZA, Daniele Shorne de. A Cidade das damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do Século XV. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

WAGNER, Jill E. "Christine de Pizan's City of Ladies: A Monumental (Re)construction of, by, and for Women of All Time." *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality* 44, no. 1, 2008, p. 69-80.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.